

Africanos no Brasil, Hoje: Imigrantes, Refugiados e Estudantes

Neusa Maria Mendes de Gusmão¹ (Unicamp)

Resumo

O presente texto trata da realidade de estudantes originários de países africanos de língua oficial portuguesa no Brasil. São jovens que compartilham um processo migratório com finalidade de estudos e que vivem a experiência de estar “fora de lugar” em um país estrangeiro. Trata-se de um contexto complexo em que os indivíduos que migram cumprem metas de desenvolvimento de seus países de origem. A partir de seus deslocamentos e de suas histórias particulares revela-se a história mais geral do povo negro, africano e estrangeiro na “terra dos outros”.

Palavras-chaves: Estudantes africanos, Palop, Migração, Juventude, Diáspora

Africans in Brazil, Today: Immigrants, Refugees and Students

Abstract

This paper addresses the reality of students from Portuguese-speaking African countries in Brazil. These students share a migratory process with the main purpose of studying, and the living experience of being “out of place” in a foreign country. It is a complex context in which migrants meet the development goals of their original countries. Their movements and their particular histories reveal a more general history of black people, Africans and foreigners in the “land of others.”

Keywords: African Students, Palop, Migration, Youth, Diaspora

¹ Antropóloga e professora titular (Colaboradora) do DECISE – Departamento de Ciências Sociais na Educação e do Programa de Pós Graduação em Educação – FE/UNICAMP e da Pós-Graduação - Doutorado em Ciências Sociais (Antropologia) do IFCH/UNICAMP. Dedicou-se ao estudo da Antropologia da Educação e das questões étnicas e raciais em diferentes contextos.

Os processos de internacionalização que envolve trocas científicas, universitárias e culturais, não são um fenômeno recente. Mais que isso, como afirma Monique Saint Martin (2004, p.17), no que pese o desconhecimento desses processos, mesmo no mundo acadêmico, importa colocar em debate o fato de que há diferentes caminhos de internacionalização, dentre estes, a formação em nível superior em países estrangeiros.

Os processos de mobilidade com finalidade de estudo e universos contextuais específicos revelam por trás dos mesmos, que realidades muito diversas e diferentes são postas em movimento. Isso, segundo Monique Saint Martin (2004), implica “diferentes maneiras de usar caminhos semelhantes” (p.25) que produzem efeitos e conseqüências difíceis de serem apreendidas por indicadores precisos e quantificáveis. Silva (2005) também aponta as dificuldades decorrentes de estudos numericamente reduzidos sobre esse tipo de mobilidade e o fato de que indivíduos envolvidos nesses processos escapam aos “Censos Demográficos e outras que visam à apreensão dos grandes fluxos migratórios” (p.60). Na tentativa de localizar o lugar de onde se fala, sublinha-se aqui, o que diz Saint Martin (2004)

Poucos sociólogos ou antropólogos se debruçam verdadeiramente sobre a questão das trocas internacionais e da circulação científica de indivíduos, e menos ainda sobre a relação entre essas trocas e a formação intelectual dos grupos envolvidos nesse processo ou sobre a relação entre as trocas e os processos de recomposição das elites e da redistribuição do poder. (p. 17)

Com esse pano de fundo, a pesquisa que aqui se apresenta², ainda inicial em seus passos, sofre a influência das limitações descritas e as tem acentuadas na medida em que toma por objeto as migrações para estudo, de sujeitos de origem africana, nomea-

² *Jovens Africanos Projetos Nacionais e Educação: o caso dos PALOP e da CPLP no Brasil e em Portugal.* Projeto de pesquisa de minha responsabilidade e em andamento.

damente dos Palop/CPLP³ para o Brasil. Tais migrações não possuem forma sistemática, precisa e oficial de registro de entrada e saída de estudantes africanos que buscam as instituições de ensino superior (IES) brasileiras para se qualificarem mesmo quando essa entrada se faça por meio de políticas sociais como o PEC-G/PEC-PG⁴. Por sua vez, a problemática do estudante africano nas instituições brasileiras não é objeto de reflexão acadêmica e científica, a não ser de poucos pesquisadores e, muitas vezes, só o são, por parte dos próprios estudantes africanos que tomam a experiência de viver no Brasil como temática de suas monografias, dissertações e teses, no interior do mundo acadêmico. Fora isso, estudantes africanos só encontram visibilidade, quando vitimados por violência, quase sempre de ordem racial, que ganham as mídias impressas e televisivas.

Outra dimensão que impõe limite a essa proposta é a que decorre da invisibilidade das relações Brasil/África no tocante as migrações temporárias ou ditas especiais e a própria definição teórica do que sejam tais processos. Chamá-las de temporárias ou especiais gera, no debate público, muitos questionamentos quanto aos seus sentidos e desafia as possibilidades de abordagem reflexiva e crítica. Dificuldades de ordem teórica expõem o fato de que as categorias em uso nesta pesquisa, ainda que sejam flutuantes quanto aos sentidos e significados, abertas a muitos debates, sejam aqui definidas a partir da realidade investigada e, sempre que possível, dialogam com outros estudos já realizados em busca de consistência e de coerência analítica.

³ PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) e CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa).

⁴ PEC-G e PEC-PG - Programa de Estudante Convênio de Graduação e de Pós-Graduação - trata-se de política de cooperação entre o Brasil e países em desenvolvimento da América Latina e da África e oferece vaga em universidades brasileiras com vista à formação de quadros de países em desenvolvimento.

Categorias Sociais e Científicas: flutuações semânticas⁵ e reconversão⁶

A reflexão científica se faz ancorada em categorias que operacionalizam e permitem a apreensão dos fenômenos sociais num dado contexto e época. Contudo, como afirma Telles (2006), em épocas específicas determinados problemas sociais se transformam em problemas sociológicos passíveis de investigação e transformam as categorias sociais em categorias científicas, que nominam “novos sujeitos” políticos a desafiar a própria produção científica, muitas vezes aprisionada a dogmas e a categorias que se consolidaram no âmbito da pesquisa acadêmica de um momento anterior.

Diz Telles (2006),

Sabemos que no campo das ciências humanas a crítica às categorias de análise, bem como suas redefinições, é algo que se faz em compasso com a interpretação das mudanças operantes no mundo social e ao modo como se formula as novas exigências interpretativas em diálogo com as questões políticas colocadas, com suas promessas, desencantos ou hesitações. (p.141)

A pesquisa em tela se coloca como parte de um momento de transição de categorias constituídas. O uso “entre aspas” evidencia as hesitações próprias do campo político ou dizem da emergência de novas realidades ainda não consolidadas no

⁵ Para Arruti (1997) as categorias são criações não fixas, dotadas de plasticidade e relativas. Por ter isso em conta, o autor chama a atenção para as “flutuações semânticas” das categorias sociais.

⁶ O termo *reconversão* remete para usos de uma mesma categoria em uma rede de interdependência de sentidos, conforme os sujeitos em presença e os interesses colocados no contexto – do mundo acadêmico ao mundo político, perpassando ainda o espaço social de vida e luta dos grupos que tais categorias nominam e, que, por vezes, são apropriadas pelos próprios grupos.

campo científico, não porque fossem inexistentes, mas porque não mais correspondem a contextos de referência do momento anterior. Este parece ser o caso das migrações temporárias e/ou especiais, que abrangem a circulação de pessoas que buscam qualificarem-se fora de seus lugares de origem, entre estes, os africanos dos Palop.

De início a própria definição de migração temporária e/ou especial, encontra respaldo em dois contextos diversos. O primeiro deles, defendido por Afrânio Garcia (2004), assume que estas dizem respeito a Formas Especiais de Migração, ou seja, são migrações especiais. Garcia pensa a partir da realidade africana pós-colonial de Moçambique e Angola, que recebeu exilados brasileiros formados na Europa, logo após a Independência, atuando na construção do Estado-nação, entre os anos de 1974 e 1979, em meio à concorrência entre elites intelectuais e políticas, locais e estrangeiras. Nesse contexto, a migração especial constitui-se como:

tentativas de reconversões profissionais em que a substituição de quadros administrativos da antiga potência colonial portuguesa dão lugar a uma intensa concorrência entre universitários de diferentes procedências nacionais. (Garcia, 2004, p. 15)

Após várias décadas e mesmo passado o século XX, com as lutas internas aos estados nacionais em construção, a realidade desses países e dos demais em África de língua portuguesa, mudou e transformou os próprios contextos. Hoje, não se trata mais de substituição de quadros coloniais, mas está em pauta a formação de quadros em busca da consolidação interna e externa dos Estados-nação, na busca de um lugar na divisão internacional do trabalho que coloca em novo patamar as relações Norte-Sul e Sul-Sul, da qual o Brasil e a África fazem parte.

Se as migrações especiais com finalidade de estudo visam formar quadros para que retornem aos países de origem, não podem ser pensadas nos moldes das teorias tradicionais dos estudos dos fenômenos migratórios, posto que, por sua natureza e

objetivo, devem ser temporárias. Segundo Silva (2005), José de Souza Martins ao pensar as migrações internas de trabalhadores brasileiros, afirma que,

É temporário, na verdade, aquele migrante que se considera a si mesmo “fora de casa”; “fora de lugar”, ausente, mesmo quando em termos demográficos, tenha migrado definitivamente [...]. Se a *ausência* é o núcleo da consciência do migrante temporário, é porque ele não cumpriu e não encerrou o processo de migração, com seus dois momentos extremos e excludentes: a *dessocialização* nas relações sociais de origem e a *ressocialização* nas relações sociais de “adoção”. Ele se mantém, pois, na duplicidade de suas socializações [...]. É sempre outro, o objeto e não o sujeito. É sempre o que vai voltar a ser e não o que é. A demora desse reencontro define o migrante temporário (p. 61).

Por tudo isso a migração internacional de estudantes africanos dos Palop que buscam sua formação no Brasil é assumida aqui como migração temporária e especial. Entende-se que o sujeito que migra, não é movido apenas por questões econômicas, típicas da migração tradicional, mas, também, por fatores objetivos e subjetivos relacionados com a experiência migratória e com a realidade com que se deparam nos países de acolhimento. Nessa medida, “partir e ficar são faces da mesma realidade social” e, envolve um “tempo uno, cindido em dois espaços” (Silva, 2005, p.54). Tal fato envolve um estar aqui, no Brasil e, um ser de lá, África. Envolve ser africano, estrangeiro e negro “fora de lugar” – reflexos das relações em processo, estabelecidas no contexto social de acolhida e que possui uma dimensão contraditória e conflitiva que, como aponta Silva (2005), exige ser compreendida posto que se associe a perdas e separações, mas também, a reencontros, voltas, reconstruções culturais, etc.

Concordando com a autora, a migração temporária e especial de estudantes africanos é aqui considerada como processo social e os estudantes africanos, como migrantes que na condição de refugiados se fazem estudantes e migrantes que vem para estudar

nas IES brasileiras. São eles, parte de um contingente que carrega trajetórias e expectativas diversas, contudo são todos agentes de um duplo processo: o da internacionalização das realidades africanas e brasileiras; e, sujeitos cujo processo de circulação trás à tona, os processos de cooperação entre países e nações que, a um só tempo, incidem diretamente naquilo que são como indivíduos sociais e coletivos, inseridos num campo de tensão cultural e política, individual e coletiva.

Metodologicamente, portanto, falas e representações dos sujeitos são apreendidas como parte de processos que dizem de histórias pessoais colhidas por meio de entrevistas, de depoimentos a respeito de trajetórias, de histórias de vida e, também, por elaborações escritas em monografias, dissertações e teses cujo foco é a experiência da migração e a vivência como estudante em IES brasileiras. Informações cruzadas permitem compreender o contexto de migrantes angolanos refugiados no caso de Campinas (SP) e de estudantes dos Palop/CPLP de modo geral, como sujeitos inseridos em organizações sociais no interior das quais, suas ações se conformam e acontecem (Silva, 2005). Ao mesmo tempo tais sujeitos fabulam e criam representações conformadoras de nova visão de mundo incidentes nas identidades forjadas “fora do lugar”. Tal processo que não é unívoco e linear, não se permite a generalizações, mas possibilita compreender em sua pluralidade, o que há de comum, o que há de divergente nos diferentes caminhos trilhados para obtenção da qualificação em nível superior. Nesse sentido, pensar a migração temporária e especial significa pensá-la como parte de processos sociopolíticos contemporâneos que produz um “saber situado”⁷, do viver “fora do lugar” que é, também, um “estar no lugar” e que, permite articular o local com o transnacional, produzindo cultura e realidade política específicas desse processo.

⁷ Cf. Haraway, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilegio da perspectiva parcial. *Cadernos PAGU*, N. 5, p.7 – 41, 1995

Migrar e Estudar “Fora do Lugar”: trilhas da pesquisa

Em meio a propostas contínuas de pesquisa⁸, a conversa de agora que se alonga no tempo, teve início com a pesquisa relativa aos africanos em Portugal e, depois se voltou para a realidade brasileira e para outro segmento diverso daquele tratado em *Os Filhos da África em Portugal. Antropologia, multiculturalidade e educação*, editado em Portugal e no Brasil.

A pesquisa realizada entre 2005 e 2008 com apoio do CNPq, intitulada “*Luso-africanos em Campinas e em São Paulo: imigração, cultura e educação*”, parte da retomada dos estudos feitos com relação aos luso-africanos em Portugal (Gusmão, 2005), marca o caminho da escolha de agora e joga luz sobre a imigração africana dos PALOP para o Brasil, nomeadamente nos anos de 1990 do Século XX. Naquele caso, tratava-se de um estudo com imigrantes africanos de língua portuguesa, principalmente, dos PALOP, buscando compreender a natureza da inserção e integração social e política desses imigrantes em duas cidades: Campinas (SP) e Porto Alegre (RS). Nesse estudo, foi feita a seleção e análise dos discursos construídos por diferentes agências e agentes, considerando-se de modo particular, o campo da educação e o campo político de inserção na realidade brasileira. A preocupação central foi a de pensar a realidade do estudante estrangeiro de nível universitário proveniente dos PALOP, imigrante ou não, e sua experiência relativa à imigração e à formação de quadros por parte das realidades africanas emergentes. Interessava-nos compreender como a sociedade brasileira elabora os sentidos e significados dessa presença africana no tecido social, de forma a

⁸ Trata-se da pesquisa “*Luso-Africanos em Campinas e São Paulo: imigração, cultura e educação*” desenvolvida com apoio do CNPq entre 2004 e 2008, e parte do percurso iniciado com os estudos dos luso-africanos em Portugal em 1997/2002, com o apoio do CNPq e que deu continuidade a outro projeto desenvolvido entre 2002/2004, também apoiado pelo CNPq e pelo ICS (Lisboa). Deles se teve por resultado a minha Livre-Docência junto a UNICAMP (2003), publicada como livro com o título: *Os Filhos da África em Portugal. Antropologia, multiculturalidade e educação*. Belo Horizonte, 2005 e, também em Portugal, com o mesmo título, publicado pelo ICS, em 2004.

compreender atitudes e comportamentos de aceitação ou rejeição do imigrante africano e/ou estudante estrangeiro de origem africana quando “na terra do outro”, tal como aconteceu e acontece em Portugal e outros países europeus.

Estudantes da Universidade de Campinas, daquele momento, em maioria de Angola, entraram no Brasil nos anos de 1990, como turistas, requisitaram perante o Estado nacional a condição de refugiados, tornando-se sujeitos de benefícios previstos em lei para esses casos. Nesse contexto, passam a ter acesso à educação em todos os seus níveis e, em particular, nas universidades públicas, na graduação e na pós-graduação. Tratava-se de uma geração que lutara pela independência do jugo colonial e que recebeu formação, por vezes, até mesmo fora da África, em maioria, em países do antigo eixo socialista ou em Cuba. Todos, em algum momento, já haviam migrado temporariamente com finalidade de estudo e chegam ao Brasil, por meio de um processo de outra natureza. O processo de mobilidade não é mais individual, mas familiar e, ainda que se coloque como provisório em razão das guerras civis e das perseguições políticas se faz permanente e origina uma “comunidade de angolanos” a residir e a se estabelecer na macro-região campineira. Além desses e, muitas vezes, a partir da presença deles em Campinas e do conhecimento das políticas do governo brasileiro com relação à África, tal como o PEC-G e o PEC-PG, outros angolanos migram com finalidade de estudo e qualificação na Universidade de Campinas e em outras capitais brasileiras.

De norte ao sul do país é possível constatar a presença de estudantes de origem africana e que chegam para fazer a graduação e/ou a pós-graduação em universidades públicas e privadas⁹,

⁹ Em particular, serão os países dos PALOP – Angola, Cabo Verde, Guiné, Moçambique e São Tomé e Príncipe – os maiores beneficiados pelos Acordos de Cooperação assinados entre Brasil e os países africanos, tanto por parte das instâncias federais do governo brasileiro, quanto por Acordos Institucionais firmados diretamente com as IES nacionais ou por meio de organizações religiosas e ONGs. Aqui, os estudantes dos PALOP em Campinas e na UNICAMP são em maioria, do Programa PEC-G do governo brasileiro. O mesmo não acontece com os estudantes de Porto Alegre, já que são bastante efetivos nessa região os acordos diretos com as IES, como são os casos da UFRGS, do IPA e da ULBRA, em Porto Alegre.

vindas de diferentes países. Muitos chegam através do Programa do PEC-G/PEC-PG do governo brasileiro efetivado através de acordos bilaterais e regras específicas de seleção e ordenamento do estar em terra estrangeira. Outros chegam através de convênios de seus países com empresas multinacionais ou, ainda, com apoio de alguma instituição religiosa. Alguns contam com bolsas de estudo do governo brasileiro, outros com bolsas de seus próprios governos e, por vezes, contam com o apoio financeiro da família ou de membros da família que estão em África. Em acordo com cada um desses contextos enfrentam maiores ou menores dificuldades para se estabelecer e viver longe dos seus, na relação com os nacionais e, ainda com outros africanos.

Contudo, o contexto vivido pelos estudantes africanos no Brasil, se revelou como sendo mais amplo que apenas seu cotidiano de ganhos e perdas a desafiar o viver fora de lugar. Segundo Dantas (2002), desse contexto faz parte ainda, o projeto cultural do Brasil em diversos momentos, fato que não se faz indiferente ao campo político, além de envolver a vida de pessoas e de famílias em solo africano. Nesse sentido, pensar a vivência e a experiência dos estudantes africanos no Brasil, diz respeito também, às relações desse país com os governos nacionais em África, principalmente a África Subsaariana onde se encontram os PALOP. Por sua vez, os países africanos em consolidação como estados nacionais buscam por uma inserção internacional que não se faça numa condição marginalizada no ambiente da globalização conforme afirmam diferentes estudos. Nesse sentido, o Brasil e os PALOP implementam desde o final dos anos de 1974, acordos bilaterais, nos quais a imigração com finalidade de estudo propicia a vinda de estudantes africanos ao Brasil. Do universo das relações que são então, estabelecidas entre países e governos, outro fator de incremento das trocas internacionais e da circulação internacional de indivíduos será a criação da CPLP – Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa, já nos anos de 1990. A CPLP apesar de ter um caráter mais comercial, vem revitalizar as relações com o continente africano, nomeadamente nos setores de educação, saúde e agricultura, como afirma João (2004).

Assim, a preocupação com a dimensão identitária e de inserção de estudantes africanos no Brasil e com as formas coletivas engendradas na diáspora vivida enquanto estudante em terras brasileiras é retomada agora, num esforço comparativo com a mesma realidade em Portugal. Objetiva-se, assim, refletir sobre a construção de referenciais claros e mais complexos no tocante às diferenças e similaridades de experiências vividas pela juventude que compõem a horda de estudantes africanos “fora de lugar”. Algumas questões são pontuais e locais, mas outras se inscrevem no próprio contexto da CPLP e dos acordos transnacionais.

A presente pesquisa¹⁰ toma por centro a circulação, a cooperação e a educação de “jovens” africanos a partir da perspectiva antropológica, em particular, da antropologia da educação compreensiva, moderna e crítica, centrada no comparar e descobrir, capaz de reconhecer e considerar a experiência do indivíduo como sujeito coletivo que tem memória, tradição, histórias de vida, valores, sentimentos, emoções. Um ser concreto, objetivo e subjetivo ao mesmo tempo. Um ser de história e de singularidade. Um ser sociocultural. Com isso, histórias de vida e comparação se fazem recursos estratégicos do processo educativo, na medida em que ambos são inseparáveis no processo de construção e acesso ao saber – o saber de si e o saber do outro; o saber sobre um e outro. Nesse sentido, tanto para o indivíduo, como para o coletivo, a experiência vivida no processo de migração e de estudo “fora do lugar” será a matéria prima por excelência de construção de uma consciência de si, daquilo que se é. Contudo, diz também, daquilo que se pratica como ação e como ofício decorrente da qualificação que permite operar a realidade no interior das sociedades de origem, para os que lá ficaram e, também, para aqueles que retornam após a experiência internacional.

Em jogo, necessidades postas em movimento por uma ordem social e econômica globalizada que empresta aos processos mi-

¹⁰ Projeto de Pesquisa: “*Jovens Africanos, Projetos Nacionais e Educação: o caso dos PALOP e da CPLP no Brasil e em Portugal*”.

gratórios uma face ainda pouco conhecida e pouco refletida na academia, no cotidiano e na política que envolve trocas científicas, sociais e políticas entre países e nações e que ordena processos de recomposição de elites e de redistribuição do poder.

Migrar e Estudar “Fora de Lugar”: construir um lugar próprio ou o próprio lugar

Os países integrantes dos chamados PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa – em África: Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, compõem junto com o Brasil, a chamada CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Se a primeira sigla indica a pertença a um tronco linguístico comum, decorrente da colonização portuguesa, a segunda sigla revela o pertencimento linguístico e agrega aos países componentes, a dimensão da cooperação técnica, econômica, política que tem por meta a formação comunitária e a aproximação transnacional desse bloco no rearranjo das forças globais. As experiências locais vividas pela população desses países e a inserção dos mesmos na divisão internacional do trabalho, coloca em debate a circulação de bens e de pessoas num trânsito intenso e transcontinental. Neste sentido,

os atores políticos, econômicos e sociais de tais países articulam-se e influenciam-se mutuamente através das denominadas políticas de cooperação, além de políticas específicas para circulação de pessoas, bens culturais e mercadorias (Projeto CPLP, 2010)¹¹.

A Circulação Internacional (CI) é parte das transformações da ordem mundial, globalizada, contudo não é inteiramente dependente da existência dos acordos de cooperação internacional entre paí-

¹¹ PROJETO CPLP - Projeto de Pesquisa: “Missões Exploratórias sobre Juventudes no contexto transnacional dos países da CPLP: processos de identificação, expressões culturais e mediações”, apresentado ao CNPq, Edital 037/2010, coordenado pelo Prof. Dr. Frank Nilton Marcon e equipe.

ses, seja da CPLP com países fora da África, seja, dentre os países membros do bloco hegemônico. Isto quer dizer, que na circulação de pessoas, nomeadamente dos PALOP, os processos de Circulação Internacional (CI) podem ou não estar atrelados a acordos bilaterais de cooperação entre países, tal como propõe a CPLP. O que importa registrar nos processos de circulação de pessoas em África e fora da África, segundo Gusmão (2009) é que os/as andarilhos dessa nova era, são indivíduos sociais que partilham de diferentes coletivos e constroem muitos mapas “em que escapam ou em que se perdem” (Castro, 2001, p.27), mas que, de uma forma ou de outra, dizem muito disso que é este início de século XXI.

Não por acaso, portanto, tais movimentos dizem respeito a processos relativos à configuração dos estados nacionais emergentes em África, seus projetos de desenvolvimento e suas propostas de conformação de uma realidade em transformação. Parte desses propósitos se realiza através dos segmentos mais jovens das populações locais que buscam fora de seus países de origem, uma formação qualificada para integrar as realidades emergentes e em construção no interior do mundo africano. A migração de caráter internacional e a educação fazem-se centrais nesse contexto e, envolve outras dimensões da vida social, cultural e política dos PALOP e da própria CPLP. A importância significativa de tais processos é que os mesmos exigem compreender e interpretar aspectos ainda pouco conhecidos do fenômeno migratório com efeitos e conseqüências para os que migram e se fazem sujeitos presentes na “terra do outro”¹². Exigem, também, colocar em tela o que se compreende como juventude, juventude africana e o que dela é esperado no interior dos projetos nacionais de desenvolvimento.

É preciso ter presente, como diz o Projeto CPLP (2010), que muitos dos estudos realizados em Portugal sobre juventude, envolvem transversalmente estudos sobre imigração, expressões culturais, comportamento, processos de identificação e diferen-

¹² O termo “terra do outro” é inspirado pelo trabalho de Gomes (2002).

ça, relações raciais e interétnicas, e políticas públicas. No Brasil, se por um lado o tema juventude pouco incide sobre análises e referências sobre imigração ou emigração, por outro lado, o enfoque sobre políticas públicas e as análises sobre expressões culturais e comportamentos estão em desenvolvimento e direta ou indiretamente relacionadas a temas como educação, sexualidade, relações raciais, emprego, estilos de vida, consumo e produção cultural. Em Angola, Cabo Verde e Guiné Bissau, os jovens são a imensa maioria e portam peculiaridades significativas, mas são poucos os estudos a eles referentes, seja em seus contextos internos, seja em relação àqueles que migraram com a finalidade de estudar e um dia regressar para contribuir nos processos locais e nacionais de seus países de origem.

Por sua vez, estudantes africanos de língua portuguesa em sua diáspora temporária na “terra do outro”, neste caso, no Brasil, constroem diferentes redes sociais de apoio, que assumem diferentes configurações. Tais redes podem viabilizar os projetos individuais dos sujeitos migrantes e suas famílias; podem fornecer apoios fundamentais no interior das políticas locais na conformação dos mercados de trabalho e, depois nos países de origem, proporcionando ou não, o retorno de cérebros, sua fuga ou ainda, seu desperdício tal como se discute nos estudos relativos à globalização e circulação de cérebros (brain globalization e brain circulation). Trata-se de pensar a mobilidade internacional de jovens escolarizados ou em processo de qualificação para o mercado local e/ou global. Como afirmam diversos autores, tais fluxos migratórios para fins de estudos e qualificação exercem atrativos diversos sobre jovens de países pobres ou em desenvolvimento e, por essa razão, alguns Estados-nação optam por instrumentos de cooperação com outros países visando o retorno desses jovens à nação de origem e como meio de contornar a perda de cérebros e/ou sua fuga.

Por tudo isso, a migração para fins de estudo, através de projetos de cooperação internacional ou não, coloca em tela o papel

social, cultural e político específico da experiência de jovens africanos em Portugal e no Brasil, que chegam com a expectativa de obter formação superior e qualificação; apontam para as múltiplas dimensões que envolvem os estudantes “fora de lugar” no caso dos países de acolhimento, dado que estão distantes dos países de origem e, para enfrentar as adversidades decorrentes, organizam-se em redes de entre ajuda e cooperação. No entanto, as formas associativas oficiais ou não que resultam do estar fora de lugar, não são isentas de contradição e conflitos entre sujeitos, supostamente iguais porque africanos, porém, diversos em razão de origem nacional, étnica, cultural, social e política. Pressupõe-se, assim, que as relações estabelecidas são a um só tempo de proximidade e de distância, e, por sua vez, complementam-se ou se opõem no interior dos grupos ou para com outros grupos igualmente de origem africana. Quais os sentidos desses fatos na experiência particular de indivíduos e de grupos não é ainda uma realidade conhecida, como também não se conhece desse processo, a aprendizagem decorrente e se a mesma configura no jovem estudante, um novo sujeito político ou não. De que maneira, a vivência na terra do outro e no âmbito das diferentes redes influi na visão de mundo dos estudantes, quando ainda fora de seu lugar? E ao retornarem aos seus países de origem? Tais aspectos são ainda desconhecidos nos processos de deslocamentos entre a África, o Brasil e Portugal. Trata-se de realidade muito nova e que demanda urgência em pesquisas que permitam conhecer tais processos em solo brasileiro, português e africano.

Nesse caminho, interessa perguntar o que há de comum entre estudantes desses países e como essa similaridade se expressa na vivência “fora de lugar”. Se há vínculos possíveis entre os projetos individuais de formação e mobilidade e os projetos nacionais de desenvolvimento, expressos nos acordos internacionais da CPLP. Para além da história política comum em termos da experiência colonial, da independência e da circulação migratória e de bens de consumo e expressões culturais, o foco que se busca compreender diz respeito à emergência de expressões culturais, movimentos

sociais e políticos marcadamente presentes entre os jovens, assim como a ingerência de políticas sociais internacionais nestes contextos. Se possível, em duas realidades diversas: “fora de lugar”, ou seja, nos países de acolhimento – Brasil e Portugal – e no interior dos próprios países de origem, no caso desta proposta, particularmente em Cabo Verde e na Guiné Bissau.

Importa aqui, compreender a capacidade de adaptação de indivíduos e grupos de estudantes africanos diante de situações de mudanças decorrentes da diáspora cultural para dimensionar o papel da formação superior na conformação das novas elites africanas, sua experiência, trajetórias e mentalidades em termos nacional e continental. Para tanto, será necessário detectar a conformação de redes sociais ou de realidades em rede; verificar o uso de elementos nacionais, étnicos, raciais ou religiosos no interior das redes de estudantes africanos no Brasil, em Portugal e em África (Cabo Verde e Guiné Bissau), com a finalidade de compreender os sentidos e os significados dos mesmos nos processos de adaptação e definição identitária entre jovens. Nesse contexto está em jogo o papel do capital cultural enquanto propulsor de atributos de mobilidade, reconhecimento e poder entre jovens africanos (Cabo Verde e Guiné Bissau) e as possibilidades para dimensionar o significado e o alcance dos deslocamentos internacionais com finalidade de estudos na conformação de suas identidades individuais e coletivas, dentre essas, a identidade nacional.

Caminhos da Investigação

O objeto de estudo são as relações em rede que resultam da diáspora africana vivida por estudantes dos PALOP no Brasil e em Portugal, numa primeira fase. Em uma segunda fase, o estudo incidirá sobre os efeitos da experiência diaspórica na vida de ex-estudantes quando do regresso a seus países de origem, portanto, em África, nomeadamente em Cabo Verde e Guiné Bissau.

A problematização tem por foco a formação das redes de apoio institucionais ou não e seus efeitos na articulação de uma coletividade “fora de lugar”. Por que, quando e como ela acontece; se sua realidade é efêmera ou não; qual a possibilidade de no retorno aos locais de origem, dar vida a formas semelhantes e qual seria aí seu papel no tocante aos projetos locais e nacionais que embasam a configuração dos países africanos emergentes na nova divisão internacional do trabalho. Com isso, a partir de uma perspectiva antropológica, na primeira fase, a análise tem por meta a compreensão de novos ângulos da inserção social de estudantes e ex-estudantes no Brasil e em Portugal. Em uma segunda fase, a pesquisa se fará em solo nacional africano, mais pontualmente em Cabo Verde e Guiné Bissau. Em cada uma das fases busca-se compreender a relação entre indivíduo, grupo, família com a identidade coletiva e ou nacional, o papel das redes sociais estabelecidas no Brasil e no país de origem, bem como seus significados e alcances sociais e políticos.

Pretende-se responder as seguintes questões: qual a natureza organizacional das redes sociais e de apoio ao estudante africano na diáspora? Os vínculos individuais e coletivos se fazem a partir de que critérios? Que elementos identificam os sujeitos que compõem uma dada rede? Como atuam as redes frente aos dilemas cotidianos de seus membros? A união e participação numa dada rede se fazem a partir do lazer, de troca social ou configura um espaço político? Pertencer a uma ou mais redes resulta num processo de reflexão, reavaliação e reestruturação de valores, condutas, práticas? Quais os discursos que se fazem presentes nesses espaços? Pertencer a uma rede envolve processos de proximidade e de distanciamento entre um “nós” e um “eles” de modo a demarcar identidades e possíveis pertenças?

Tais respostas exigem procedimentos de ordem qualitativa e quantitativa na recolha de dados, pois se pretende a construção de uma Base de Dados que permita o mapeamento e a configuração das redes de estudantes africanos existentes no Brasil e em

Portugal e, destes países com seus países de origem. Contudo, pela ausência de estudos desse tipo no Brasil, considera-se de suma importância um levantamento de estudos relativos à presença de estudantes africanos, nomeadamente de língua portuguesa em Portugal e dos estudos lá desenvolvidos com relação às redes por eles estabelecidas em solo português, posto que diversas gerações para aí migrem há mais tempo. Espera-se que tais estudos possam iluminar os caminhos a serem considerados em solo brasileiro pela presente proposta e instrumentalizar a busca da compreensão sobre ser jovem e juventude africana de língua portuguesa formados na diáspora e conformadora de uma elite jovem nos destinos das nações de origem.

A possibilidade de aproximações e distâncias em função da realidade histórica de ambos os países e da experiência dos estudantes africanos no Brasil e em Portugal é, assim, um esforço sistemático de “estabelecer relações e criar contigüidades”, contudo, trata-se de um processo que exige estar atento para “pensar de que relações se tratam e o que as sustenta” (Koffes, 1994, p.63). Nesse sentido, trata-se de processo que envolve a interação sujeito/objeto e se realiza reflexivamente à medida que “ao cruzar dados, comparar diferentes tipos de discurso, confrontar falas de diferentes sujeitos sobre a mesma realidade, constrói a tessitura do social em que todo valor, emoção ou atitude está inscrita” (Fonseca, 1999, p. 64). Assim, nesta proposta o esforço comparativo estabelece pontes entre fatos, amplia o universo de relações possíveis e, por meio da confrontação com dinâmicas análogas ao que se busca conhecer, procura por outras possibilidades explicativas, para ir além do que está dado e visível.

A informação privilegiada dos próprios sujeitos deve ser considerada como de suma importância já que muitos estudantes, no caso brasileiro, foram entrevistados pela pesquisa desenvolvida em Campinas, em São Paulo e Porto Alegre¹³ conformando um

¹³ Refere-se à pesquisa anterior desenvolvida. Vide nota 7 acima.

primeiro recurso de orientação para a atual proposta. Assim, a informação privilegiada do chamado boca a boca deverá operar também como facilitadora dos contatos com elementos-chaves no interior das diferentes redes. Tais sujeitos serão alvos de conversas informais e de entrevistas abertas em busca de estabelecer a natureza das realidades em rede, de seu fazer e das representações sobre seu sentido e razão de ser.

Entrevistas abertas com lideranças e análise documental serão fundamentais. Por sua vez, tais líderes serão entrevistados para coleta de narrativas biográficas (Koffes, 1994), por critérios a serem definidos em termos de dois conjuntos principais: alunos de graduação e alunos de pós-graduação, bolsistas ou não, e se possível, selecionados enquanto homens e mulheres. Tais narrativas objetivam, de um ponto de vista antropológico, evidenciar as redes sociais de pessoas que vivem a mobilidade internacional. Além disso, busca-se apreender os limites e referências “em torno do que cada grupo partilha e acumula enquanto saber, memória, história em comum, trajetórias, percursos, recursos, perdas, conquistas – enfim, um conjunto de todas as referências, sentimentos, atos e fatos que compõem o senso de pertença” (Clemente, 2005, s.p.). A questão da pertença como questão de identidade coloca e recoloca como fundamental, pensar segmentos sociais em situação de migração mesmo que temporária. Nesse caso, torna-se necessário pensar que nas identidades individuais, étnica e cultural, estão impressas as representações do nacional e do continental, ou seja, o continente africano. Porém a forma pela qual as identidades se expressam envolvem ainda uma dimensão desconhecida do instrumental de campo, dado que podem ser expressas ou sutis, em acordo com as tensões políticas que envolvem o sujeito “fora do lugar”. Contudo, vale lembrar, que dizem respeito ao que se passa nos lugares de origem, pelos vínculos que permanecem, seja no estrito círculo do parentesco, seja por afiliações e comprometimentos partidários e outros.

A abordagem do tema a partir das redes criadas no contexto da diáspora vivida por estudantes africanos “fora de seu lugar”, na “terra do outro”, numa primeira fase, consiste, pois, na especificidade do presente proposta. Em uma segunda fase pretende-se verificar se aqueles que retornam como quadros profissionais formados no exterior e, em particular, no Brasil e em Portugal, ao regressarem aos países de origem, constroem aí redes semelhantes ou não àquelas construídas e experienciadas no exterior e o significado disso no âmbito familiar, social e político. Pode-se assim, avaliar a assertiva do Ministério das Relações Exteriores (MRE) do Brasil¹⁴ que afirma a importância do intercâmbio de conhecimentos acadêmicos, técnicos, científicos e tecnológicos como prática de estreitamento de laços políticos e culturais entre as sociedades e Estados, bem como afirma ser a cooperação educacional que envolve o intercâmbio de estudantes fundamental para os países em desenvolvimento.

Por tudo isso, o interesse com relação a Cabo Verde resulta de informações obtidas junto a estudantes dessa nacionalidade, bem como, de outros registros presentes em artigos, textos, monografias realizadas por estudantes africanos no Brasil (Alves, 2005; Mourão, 2004; 2006; Pedro, 2000; Desidério, 2006; Subuhana, 2005) que colocam as questões aventadas acima como inerentes a um projeto de desenvolvimento da nação caboverdiana. Além disso, leva em conta os projetos individual e familiar de jovens caboverdianos em busca por mobilidade social e profissional. Uma informação significativa diz respeito ao fato dos caboverdianos antes de deixarem sua terra, não se verem a si mesmos como africanos e à Cabo Verde como África, fatos que se colocam na diáspora. A questão também se apresenta para sujeitos da África continental, que não se vêem a si próprios como africanos, porém, tem no caso de Cabo Verde, um componente particular. O caso caboverdiano envolve um contexto histórico singular e diverso dos demais casos de estudantes oriundos de diversos países da Áfri-

¹⁴ www.itamaraty.gov.br/difusaocultural/pec, acessado em 15/10/2010.

ca que será necessário considerar. Envolve a condição insular, a intensa miscigenação e a realidade de emigração que caracteriza Cabo Verde e que influencia a sua formação como Estado-nação em constituição (Tolentino, 2006). A história comum partilhada entre Cabo Verde e Guiné-Bissau em tempos coloniais e na luta pela independência tornam a Guiné e os guineenses sujeitos potenciais de uma análise comparativa sobre construção de mecanismos possíveis de explicação capazes de compreender os efeitos de realidades culturais sobre aqueles que constroem uma trajetória fora do lugar e no campo do ensino superior.

Caboverdianos no Brasil e em Cabo Verde, Guineenses no Brasil e na Guiné Bissau, como também respectivamente em Portugal, cumprem assim, a possibilidade do entrecruzar de identidades individuais, de grupo, nacionais e continentais por excelência como de referências invertidas. Para dar conta desse desafio propõe-se como parte dos procedimentos de pesquisa, o uso das técnicas de observação participante; a realização de entrevistas; a coleta de narrativas biográficas; a elaboração permanente de um diário de campo. Não se deverá descuidar ainda do valor das conversas informais e do contato direto com os entrevistados, fundamental na pesquisa antropológica.

Em Portugal, nosso enfoque sobre as juventudes é aplicado mais especificamente aos contextos marcados pela presença imigratória de jovens oriundos de países da CPLP ou de descendentes. No Brasil, ele está atravessado por questões que envolvem a presença africana e afrodescendente, tanto pelo viés das políticas públicas, mais precisamente pelas ações afirmativas, quanto pela ênfase nos estilos de vida e expressões culturais, além da imigração/emigração para/de países da CPLP. Em Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde, o enfoque implica tanto os discursos das políticas públicas quanto as formas de expressão cultural, movimentos sociais e articulações políticas elaboradas entre os jovens desses países, além da imigração/emigração para/de países da CPLP.

Assim, a presente pesquisa encontra-se em fase de estudos e tem por ancoragem a obra de Bourdieu (1987a; 1987b) no que se refere à questão do capital cultural e da mobilidade social, associada ao habitus. Contudo, “permanece a necessidade de visitar outras posturas teóricas que permitam abrir diferentes portas de acesso ao conhecimento do objeto” (Pais, 1999, s.p.). Concordeando com Pais, tais aberturas se configuram como zonas privilegiadas por sinais que, transformados em enigmas, propõem-se à decifração. Para tanto, a contribuição de autores diversos do campo da antropologia, da sociologia, devem conduzir o olhar do pesquisador a questionar, estranhando, as categorias postas de modo cristalizado pelo conhecimento já produzido com respeito a realidades próprias do imigrante, do estrangeiro, do africano e do negro. Em particular, por abordar a realidade no campo educacional, deve-se privilegiar a Antropologia da Educação, como instrumento valioso na abordagem e análise do universo aqui privilegiado. A postura que se pretende nesta investigação é de natureza dialógica e toma por base diversos autores; diferentes perspectivas e áreas de conhecimento.

Nesse sentido, a perspectiva de uma cultura rígida, fixa, não cabe como análise da realidade aqui proposta e, como tal, considera-se a cultura como processo aberto e de muitas possibilidades. A cultura se apresenta assim, como meio de avaliação das relações sociais entre indivíduos. Por esta razão, compreende-se que, os sujeitos aqui pesquisados – estudantes africanos – não se pautam por uma única identidade, uma única cultura e tradição. Compreende-se que o que são e expressam, depende de relações históricas concretas, do passado e do presente, como também dependem das relações que constroem no cotidiano de suas vidas, no aqui e agora de sua existência e, de modo particular, no interior da universidade e do processo educativo. Assim, se faz possível conhecer os esquemas de pensamento e de trajetórias, como diz Garcia (2004), em que o que está em jogo é a formação de novas elites africanas e a conformação de nações emergentes.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Maria de Fátima C. *Estudantes Cabo-Verdianos na Cidade do Rio de Janeiro: o processo de socialização e as redes sociais*. Monografia, Uni-Rio, 2005.
- ARRUTI, José Mauricio A. A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. *Mana*, v.3 n.2 Rio de Janeiro out.1997.
- BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1987 a.
- . *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo:Ática, 1987 b.
- CASTRO, Mary Garcia. (Coord.) *Migrações Internacionais – Contribuições políticas*. CNPD – Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. Brasília, agosto de 2001.
- CLEMENTE, Claudelir C. Analisando territórios e laços sociais de pessoas que vivem em mobilidade internacional. *Anais do IV Encontro Nacional sobre Migração – ABEP*. 2005 Disponível em: www.abep.org.br – acesso em 15/02/06.
- DANTAS, Isabella L. *Entre o Projeto de Vida e o Projeto Cultural: o Lugar do Estudante Angolano*. (Dissertação de Mestrado) PUC/RJ: Rio de Janeiro, 2002.
- DESIDÉRIO, Edilma. *Migração e Políticas de Cooperação: Fluxos entre Brasil e África*. (Dissertação de Mestrado). ENCE/IBGE: Rio de Janeiro. 2006.
- GARCIA, Afrânio. O exílio político dos estudantes brasileiros e a criação das universidades na África (1964-1985) In: Almeida, Ana M.F et all. *Circulação Internacional e Formação Intelectual das Elites Brasileiras*. Campinas;Editora UNICAMP, 2004 .
- GOMES, José M.S. *Estudantes na terra dos outros. A experiência dos universitários angolanos da Universidade Federal de Minas Gerais – Brasil, 2002*. 172 p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais.
- GUSMÃO, Neusa M. M. de. *Os Filhos da África em Portugal. Antropologia, multiculturalidade e educação*. Belo Horizonte:Autêntica, 2005.
- GUSMÃO, Neusa M. M. de. *Os Filhos da África em Portugal. Antropologia, multiculturalidade e educação*. Imprensa de Ciências Sociais, ICS, Lisboa:2004.
- . Dossiê: Ensino Superior e circulação internacional de estudantes: os Palop no Brasil e em Portugal (Organização e Apresentação) - *PRO-POSIÇÕES*. Revista Quadrimestral da Faculdade de Educação – UNICAMP. V. 20, n.1 (58) – jan/abr.2009.
- FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso. *Revista Brasileira de Educação*. N. 10, Jan-Fev-Mar-Abr, 1999, p. 58 - 78.

JOÃO, Dulce M. D. C. M. *“O Mito Atlântico”: relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de reconstrução de suas identidades étnicas.* (Dissertação de Mestrado) UFRGS: Porto Alegre, 2004.

KOFFES, Sueli. Experiências sociais, interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. *CADERNOS PAGU* (3) 1994.

MOURÃO, Daniele E. *Identidades em trânsito: um estudo sobre o cotidiano de estudantes guineenses e cabo-verdianos em Fortaleza.* Monografia, Fortaleza – CE: Universidade Federal do Ceará, 2004. (Mimeo.).

_____. *África “na pasajen”. Identidades e nacionalidades guineenses e cabo-verdianas.* Dissertação de Mestrado. Fortaleza – CE – Universidade Federal do Ceará, 2006.

PAIS, José Machado. “Anotações de sala de aula”- Curso Sociologia do Cotidiano. FE/UNICAMP. Mimeo.

PEDRO, Verônica T. *Identidades Traduzidas num Mundo Globalizado: os estudantes “africanos” em Florianópolis.* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

SAINT MARTIN, Monique. Introdução. In: Almeida, Ana M.F et all. *Circulação Internacional e Formação Intelectual das Elites Brasileiras.* Campinas; Editora UNICAMP, 2004.

SAINT-MAURICE, Ana de. *Identidades Reconstruídas – Cabo-verdianos em Portugal.* Celta Editora, Oeiras, 1997.

SILVA, M. Ap. de M. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. IN: DEMARTINI, Zeila de B. F; TRUZZI, Oswaldo (orgs.) *Estudos migratórios, perspectivas metodológicas.* São Carlos: Edufscar, 2005 p. 53 - 86.

SUBUHANA, Carlos. *Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro.* Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

TELLES, V.da S. Favela, Favelas: interrogando mitos, dogmas e representações. *Revista brasileira de Ciências Sociais* [online] 2006, vol.21, nº 62, p. 141 – 143. São Paulo, Oct. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092006000300011> Acesso em: 18 de Nov. 2011.

TOLENTINO, André Corsino. *Universidade e Transformação Social nos Pequenos estados em desenvolvimento: o caso de cabo Verde.* Doutorado em Ciências da Educação. Universidade de Lisboa, 2006.

Recebido em 01/10/2012

Aprovado em 15/11/2012